fonte do amor eterno



fonte do amor eterno



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023 Copyright © Gabrieli Nejeliski, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL Lilian Vaccaro

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA Giovanna Vaccaro

CAPA **Sarah Libna**

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nejeliski, Gabrieli

A Fonte do Amor Eterno / Gabrieli Nejeliski - 1ª edição -São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-74-8

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Romance 3. Fantasia I. Título





Rua Coronel Leme, 43 | Centro Bragança Paulista | SP | 12.900-340 www.editoracoerencia.com.br Tel.: (11) 9.8020-0810 Dedico este livro a todos os leitores apaixonados. Àquelas pessoas que acreditam que o amor verdadeiro existe e que amar é o maior presente que recebemos de Deus.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar registrado meu agradecimento profundo a Deus, que me concedeu o dom da escrita, por sempre olhar pela minha família e jamais ignorar meu chamado quando uso a fé inabalável que existe em meu coração.

Quero agradecer aos meus pais, ao meu irmão e à minha cunhada pelo apoio incondicional que recebo todos os dias. Eles adoram ouvir as histórias que conto e as ideias que surgem ao longo do caminho.

Tenho um carinho enorme pelas pessoas que sempre me acompanham nas redes sociais. Obrigada a todos os leitores que esperam ansiosos por uma nova obra. Direciono um grande beijo às minhas avós, aos parentes, amigos e conhecidos que se empolgam junto comigo. Também agradeço a todos os professores que passaram pela minha formação, desde o jardim de infância até a faculdade.

Expresso minha felicidade em fazer parte da família Coerência, sou muito realizada por estar nesta casa editorial.

Obrigada aos colegas escritores e toda a equipe, que se dedica todos os dias para tornar nossos livros um sucesso.



PLAYLIST

Supermarket flowers - Ed Sheeran Lovely - Billie Eilish, Khalid Perfect - Camila Cabello Without me - Halsey Middle of the night - Elley Duhé Lie to me - Tate McRae, Ali Gatie Impossible - James Arthur Penhasco - Luisa Sonza You broke me first - Tate McRae Half Light - Banners Tears of Gold - Faouzia Depois do universo - Giulia Be Halo - Beyoncé Diamonds - Rihanna Love in the dark - Adele Empire - Ella Henderson



CAPÍTULO UM

Eu conseguia sentir a emoção, um misto de pavor e ansiedade, tão real e vívida que não se parecia com um sonho qualquer.

A verdade era que aquele tormento continuava me perseguindo sem parar, noite após noite, dia após dia. Via-me montada em minha égua branca, Tordilha, preparada para a rodada de saltos que teríamos de executar. Sabia das expectativas que todos depositavam em mim, tendo plena consciência do quanto precisava ser sempre perfeita. Não importava o que acontecesse.

O problema era que eu estava com o coração partido, literalmente em pedaços. Não me sentia pronta para competir, muito menos para fazer uma apresentação importante como aquela.

Ocorria em quase todos os sonhos. Com este não seria diferente, as imagens se modificavam e eu me via caindo da égua que esteve comigo desde a pré-adolescência. A dor que sentia ao tocar o chão, decorrente da queda, sempre se alastrava pelo meu corpo. E, em um instante, não conseguia mover as pernas.

Minha mente entrava em conflito, fazendo-me lutar conta aquela lembrança. Sonhos ruins que manipulam seu próprio corpo, mantendo-o longe de nosso domínio. Não consigo acordar.

Transtornada pela cena, desperto ao som de um grito que deixo escapar.

- Não!

Sento-me em um gesto brusco na cama, recebendo as garras afiadas de Hórus, meu gato amarelo. Baixo o olhar para ele, para

vê-lo fixar seus olhinhos verdes sobre mim, incomodado com minha agitação.

Com o corpo todo enrolado em meu colo, ele parece uma grande bola de pelos. Este felino é meu companheiro há vários anos, e ele sempre sabe quando meus sonhos são ruins.

Logo suas unhas compridas suavizam em meu braço, passando a espreguiçar seu corpinho rechonchudo. Não demora para que ele comece a lamber meus dedos, como se fosse uma forma eficaz de tentar me alegrar.

Acaricio sua cabeça, perdendo-os de vista em seu pelo longo e denso. Seus olhos atentos brilham em sinal de aprovação. Hórus gosta de atenção; é arisco com pessoas estanhas e vive em meu encalço para qualquer lugar que eu vá. Eu o encontrei pela propriedade, perto da estrada, abandonado dentro de uma caixinha junto de mais três filhotes.

Levo as mãos ao peito, na falsa tentativa de acariciar meu coração, buscando me acalmar. O ronronar do gato me ajuda a colocar os pensamentos no lugar. E aos poucos vou me desprendendo das emoções que sinto toda vez que tenho sonhos como este.

Não o bastante, o sonho se mostrou mais intenso e real do que as outras vezes, tornando-se apenas um dos milhares de sonhos ruins que tenho com frequência. Lembrar-me do passado me faz começar o dia com o pé esquerdo.

Perder minha mãe não foi fácil. Na verdade, esta é a parte mais cruel da vida: perder quem amamos. Estava sozinha, abalada e confusa com a direção que tive de tomar em seguida.

Duas semanas depois de seu enterro, recebi sua coroa e seu título real de princesa. Na época, quase oito anos antes, visitei meus avós maternos e revi parte da família. Contudo, ficou claro para mim que, apesar de desaprovarem meu pai e se oporem ao casamento deles, sofriam com a perda precoce da filha.

Após me despedir de mamãe para sempre, tudo desabou. Tornei-me fraca e com o emocional desequilibrado. Não sabia mais o que fazer da própria vida. Com isso veio o acidente com Tordilha e o adeus à dádiva de poder andar. Com sorte, recuperei parte da locomoção, graças à insistência de papai e de Nora em me fazer frequentar a fisioterapia e o pilates.

Nesse ínterim, também perdi o homem que amava. *Ele* destroçou o meu coração da pior forma possível. Ter um coração partido significa que não há remédio que o possa curar. Com essa crença em mente, fechei-me para o amor, certa de que não o viveria outra vez.

Muitas coisas aconteceram de uma só vez, e não fui poupada. Uma batida na porta é ouvida.

– Senhorita? – É Nora. – Já está acordada?

Nora é a instrutora que o palácio real de Sassari me designou após a partida precoce de mamãe. Em suas horas vagas, também faz o papel de dama de companhia. E sem dúvida alguma acabou se tornando uma amiga inseparável para mim e Elena, minha doce irmã.

- Estou acordada - respondo com a voz arrastada de sono.

Não há motivos para enrolação, o sono não retornará nem que eu insista. As noites em que esse mesmo sonho se faz presente acabam sendo mais curtas, e eu logo trato de começar os afazeres do dia.

Olho mais uma vez para meu gato, que agora me encara de forma estranha. Ele adora me julgar — até parece conhecer cada pensamento que passa pela minha cabeça.

 Não me olhe desse jeito, eu não tenho culpa de nada defendo-me.

Nora adentra o quarto com um sorriso radiante, brilhante até demais para o meu gosto. Sua tia, Justina, é a governanta do castelo. Conseguiu o emprego por intermédio de minha mãe, a princesa real de uma pequena ilha chamada Sardenha. Margareth,

minha mãe, foi instruída por Justina desde pequena, e a mulher passou a ensinar todos os passos para a sobrinha. Nora, inteligente e atenta, tornou-me excepcional no que faz.

- O dia está tão lindo lá fora, alteza.

Atravessando o quarto, começa a abrir as cortinas brancas da janela. A luz do sol preenche a escuridão do cômodo, de forma que é quase impossível evitar cobrir o rosto com as mãos. Odeio esse costume delas, principalmente quando acordo de mau humor.

 Vá com calma, por favor. – Trato de deixar evidente como me sinto nesta manhã.

Espreguiçando o corpo, puxo a coberta para o lado.

Nora termina de prender as cortinas nos cantos da janela e aumenta um pouco mais a potência do aquecedor. Então, sua atenção recai sobre mim, como se estivesse inspecionando meu estado de espírito. Embora tenha quase a mesma idade que meu pai, há ainda fagulhas de jovialidade em seus traços singelos e bonitos. Nesta manhã, seus cabelos castanhos estão presos em um coque baixo e bem penteado, combinando com o batom rosado em seus lábios.

— Teve uma noite difícil, não é? — pergunta. Seus olhos cor de amêndoas estão cheios de preocupação. — Essa angústia irá passar, princesa. Verá que logo não pensará mais sobre isso.

Esboço um sorriso desanimado enquanto ela procura pela cadeira de rodas. Não quero ser ríspida logo cedo, contudo é quase impossível me esquecer dos fatos quando tenho uma cadeira de rodas e um par de muletas para me lembrar.

Impeço-a de trazer a cadeira pesada para perto de mim.

- Hoje quero tentar com as muletas, está bem?

Ela sorri docemente ao que suas mãos alcançam as muletas. Eu as pego e permito que Nora me ajude a sentar na beirada da cama.

 Fico feliz que esteja se esforçando, logo conseguirá andar sem ajuda alguma. Solto um suspiro suave antes de fazer o maior esforço do dia: dar o primeiro passo para recomeçar. Não é fácil. Quem sabe em algum momento as coisas possam voltar a ser como antes, com a diferença de que não existiria Heitor para me fazer sofrer.

Nem mesmo a lembrança da morte de mamãe.

Nesta manhã, o sol está mais brilhante do que nos dias anteriores. A janela da sala de refeições do palácio é meu lugar preferido para aguardar pelo nascer do dia.

Apesar de passar das sete e meia, os raios ainda estão fracos e se expandem aos poucos, fazendo com que os campos verdes cintilem sob o orvalho. A natureza é vasta por aqui, viçosa e cheira tão bem que chega a purificar os pulmões.

Apesar de toda a beleza, o frio predomina devido ao inverno. O ar está a ponto de congelar os ossos — algo que se tornaria realidade se abrissem a janela neste exato momento. Ainda que traga consigo motivos plausíveis para repudiar a estação mais fria do ano, continua sendo a minha preferida.

Gramado se transforma por completo neste período, aguardando pela neve e pelos turistas, parecendo ser feita para suportar o frio, ficando ainda mais encantadora do que nos dias de verão, que continuam absolutamente incríveis. Sempre há algo a ser feito pela cidade.

Baixo os olhos para o jornal disposto em minhas mãos. Bebo um gole do chocolate quente que Justina fez, aquecendo meu corpo. A governanta adora me agradar, um hábito que se tornou mais recorrente desde que fiquei com as pernas paralisadas.

Apesar de tudo o que me aconteceu, ainda me vejo ocupada com meus afazes dentro da realeza italiana, embora resida no Brasil há quase vinte anos. Represento minha linhagem por ser a filha única da princesa herdeira do trono. *Mesmo que eu nunca seja a rainha*.

Não que eu queira assumir o trono de meu avô. Minha imagem pública seria manchada pela forma que vivo e isso limita até onde posso chegar. Os problemas que enfrento me deixam de cabelos em pé. Ser uma monarca, liderar uma nação, ser a responsável por meu povo... Isso transformaria minha vida para sempre.

A verdade é que esta história se refere ao amor de meus pais. Não sou apta a reinar, porque mamãe abdicou da coroa real para se casar com ele, com o homem que amava e desejava ter ao seu lado. A coroa desaprovava o seu pretendente, mas a princesa Margareth não estava disposta a abrir mão de sua felicidade. Papai era um homem divorciado e, mesmo que sua primeira esposa fosse falecida, as leis da Sardenha impediam o matrimônio de se concretizar

Mamãe também não poderia se casar com um homem que tinha uma filha de outro relacionamento. Essa pequena menina era minha meia-irmã mais velha, Elena. Então nosso primo de primeiro grau assumiu seu posto na coroa, ocupando o lugar até os dias atuais. Por sorte, ele tem cinco filhos e o destino da realeza está a salvo.

Meus avós deixaram claro o desgosto e a insatisfação. Porém, logo após a morte de sua única filha, apaziguaram a mágoa que sentiam. E, por insistência de vovó Ana, passaram a aceitar melhor a família que meus pais constituíram juntos.

Respiro fundo ao pensar sobre isso e bebo mais um gole do chocolate quente. O período mais tranquilo que poderia ter era exatamente este, resumido ao tempo que tirava para colocar a cabeça no lugar e pensar sobre os afazeres do dia. Ainda que eu não esteja na Itália, meus avós fazem questão de que eu continue a par de tudo o que ocorre por lá. Por conta de minhas condições, reduzi as constantes viagens e as aparições em diversos eventos.

Posso fazer mais alguma coisa pela senhorita?
Abro um sorriso gentil para a governanta.

Justina me viu crescer e cuidou de mim antes mesmo de eu aprender a andar. O carinho que carrega em seu coração sempre foi fácil de se ver. Parte disso se dá pelo fato de que ela não teve filhos e perdeu o marido quando tinha apenas vinte anos. Agora, quase uma senhora, está prestes a se aposentar.

Não, obrigada. Estou satisfeita.

Um simples aceno de cabeça costuma ser sua deixa. Justina tenta disfarçar, mas nunca foi boa nisso. Seu corpo já está inclinado em direção ao jornal em minhas mãos.

Seus olhinhos pequenos por trás dos óculos redondos estão afiadíssimos sobre o texto que devora em silêncio. Enquanto isso, eu a observo com um riso contido. Sei que logo dirá o que tiver a dizer.

E é exatamente o que acontece.

 O prefeito da cidade estará hoje à noite no jantar que sua irmã organizou na fazenda – disse ela, sem desgrudar os olhos do jornal. – Tenho certeza de que ele irá comentar sobre isso.

Franzo o cenho em resposta e mergulho na leitura, buscando entender o texto, quando encontro a menção de meu nome, deixando o suspense de fato interessante.

Não pode ser!

Ao revistar as primeiras páginas do jornal, penso que seria como todos os outros dias: uma simples e entediante leitura. Porém, na página cinco, deparo-me com algo inusitado, com o qual não recordo concordar.

A cidade vai reviver as festividades de inverno. Ao que tudo indica, desta vez o dia dos namorados terá uma programação diferente, abordando grandes temáticas e atividades que serão planejadas pela cidade, firmando a idealização e incentivando o amor puro e verdadeiro entre um casal.

Sei muito bem como funciona. Quando mamãe e papai estavam no auge de seu casamento, morando havia pouco tempo na

cidade, a princesa organizava bailes privados para eventos como esse. Na época, achava tudo isso algo mágico e lindo. Além disso, Gramado sempre foi a cidade do amor.

Acreditei no amor até o dia em que tive o meu coração partido por alguém. Ou até perder mamãe para sempre. Depois disso foi como se as pessoas não fossem verdadeiras o suficiente para merecer um sentimento como esse. Para mim o encanto havia se quebrado.

Os eventos menores sempre foram abertos ao público, porém os realmente especiais exigiam um convite. O problema é que, desde que mamãe se foi, a coroa e o título de princesa real foram passados para mim. Eu seria a responsável por tudo o que um dia Margareth Isabel havia sido.

Um dos principais requisitos exigia que os convidados possuíssem um par ou que o encontrassem no próprio evento. Ainda que goste das comemorações, que nos levam facilmente para dentro de um conto de fadas, estou presa a algumas imposições. Limitações, pelas quais devo prezar.

Não aguentaria muito tempo em pé, não conseguiria dançar, nem mesmo participar das atividades. Seria um desastre total. Continuo lendo a matéria em que o prefeito se encontra deveras empolgado, pois há muitos anos que as festividades não ocorrem. Sei que boa parte disso também é minha culpa, pois não os incentivo.

Mamãe criara atividades e bailes esplendorosos para os seus convidados escolhidos a dedo pelo conselho da cidade. Depois de sua partida, fiz questão de que isso acabasse, pois aquelas haviam sido noites gloriosas, belas e boas de se guardar no coração. Nosso luto teve um período longo. Mas não seria contra se parte desses eventos retornassem, ainda mais depois da grande pandemia que tivemos dois anos antes.

Deparo-me com o último parágrafo, no qual está escrito com todas as letras o anúncio de minha participação.

- Acha que ele me forçará a participar? pergunto, fechando o jornal e o dobrando ao meio, indignada. – Não entendo. Por que agora?
- Porque está na hora de voltar à ativa, Louise. Ouço a voz autoritária de papai soar às costas de Justina, que dá um pulo, assustada com a chegada inusitada de seu patrão.
 - Senhor. Ela abre espaço para que eu possa vê-lo, calando-se.

A governanta nutre um respeito pelo coronel que jamais entenderei. Vejo medo em seus olhos, mas não consigo compreender de onde vem tanta admiração e vontade de mostrar serviço. Afinal, papai é um homem exigente e preza por ordem em nosso lar, tornando Justina seu soldado leal.

Não consigo compreender... – Tento expressar minha confusão. – Não sei se isso é necessário. Sabe que não gosto de ser o centro das atenções, ainda mais quando escrevem sobre mim. Eles não têm piedade.

Seu rosto está um tanto abatido. É raro vê-lo pelo palácio, tornando nosso encontro logo cedo inusitado. Observando-o à minha frente, não é de hoje que percebo que a idade chega para todos e que, apesar de seus sessenta anos, ainda está muito bem conservado.

Seus olhos azuis carregam uma dureza que só o exército poderia trazer a eles. Sempre foi um homem de pulso firme, ainda que nunca tenha deixado de ser um pai amoroso e presente na vida das filhas, desejando apenas o nosso bem, deixando-me ciente do quanto o meu estado o preocupa.

 Está na hora de deixar estas paredes para trás, querida. Você é jovem e deve cumprir com os deveres de princesa, sua mãe lhe pediria isso se estivesse aqui.

Sua fala me desarma por completo. Ele finalmente tomou coragem para estabelecer que eu deveria intuir. O problema é que Giuseppe Fronatelli está coberto de razão ao me pressionar.